

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

Simone Martins Araújo

O uso dos gêneros textuais para ensinar leitura e produção de textos.

Belo Horizonte

2012

Simone Martins Araújo

O uso dos gêneros textuais para ensinar leitura e produção de textos.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado ao Curso de especialização em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica.

Orientadora: Maria Alice Moreira Lima

Belo Horizonte
2012

Simone Martins Araújo

O uso dos gêneros textuais para ensinar leitura e produção de textos.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado ao Curso de especialização em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica.

Aprovado em 07 de Julho de 2012

BANCA EXAMINADORA

Maria Alice Moreira Lima -Faculdade de Educação da UFMG

Libéria Rodrigues Neves -Faculdade de Educação da UFMG

Agradecimento

A Deus que na sua infinita bondade, concedeu-me a graça da realização de mais um objetivo, tão planejado e proporcionalmente tão distante.
A minha mãe, por sempre ter feito-me acreditar na educação como meio de realização de sonhos.

Agradecimentos

A professora doutoranda Maria Alice Moreira Lima, uma Orientadora, que sempre soube com prontidão indicar os caminhos a trilhar, tecendo comigo os fios neste tear do conhecimento.

A todos os professores do Curso de Pós-Graduação-Lato Sensu em Ensino na Educação Básica, que de maneira séria tanto contribuiu para o êxito deste Curso.

“ Repensar a prática supõe capacidade de a pessoa se distanciar da própria prática, projetando sobre ela e olhar. Temos de pensar a prática para a teoricamente poder olhar a prática.”

Paulo Freire

Resumo

O tema do presente trabalho foi iniciado a partir do seguinte questionamento: Como usar os gêneros textuais para ensinar leitura e produção de textos? O intuito de discorrer sobre este tema é mostrar que mesmo não existindo métodos padronizados para a produção de texto, é indispensável que em sala de aula existam oportunidades para expansão das habilidades, exploração do potencial criativo e incentivo à produção de bons textos. As pesquisas bibliográficas propiciou criar condições e perspectivas do processo da leitura e escrita, nos anos iniciais. Pode-se utilizar de todas as ferramentas para enriquecer e dar qualidade no ensino na sala de aula.

Palavras – chave: Gêneros textuais - leitura - produção de textos

Sumário

1. O estudo e seus objetivos

1.1 Introdução-----	08
1.2 Apresentação do problema-----	10
1.3 Justificativa-----	11
1.4 Objetivos-----	14
1.4.1 Objetivo geral-----	14
1.4.2 Objetivos específicos-----	15

2. Desenvolvimento

2.1 Discussão teórica do problema-----	16
2.2 Metodologia -----	23
2.3 Diagnóstico-----	25
2.4 Ação-----	27
3. Avaliação-----	29
4. Conclusão-----	30
5. Considerações Finais-----	32
Referências -----	33

1.1 Introdução

O presente trabalho intitulado: O uso dos gêneros textuais para ensinar leitura e produção de textos ; será oferecido para os alunos do 3º ano do 2º ciclo da Escola Municipal Milton Campos - Belo Horizonte/ Minas Gérias.

Há mais de dez anos atuando no Ensino Fundamental e observando a prática pedagógica em escolas da rede pública, comecei a perceber a inconsistência da maioria das atividades elaboradas nas aulas – observação essa que levou-me a muitos questionamentos: O que afasta o aluno da leitura e da escrita? Por que passando tantos anos na escola, muitos alunos ainda não adquiriram as habilidades linguísticas suficientes para ser pelo menos – razoável leitor e produtor de textos? O que pode ser melhorado? Por que o aluno não encontra sentido no que faz?

Sendo assim, passou a ser fundamental buscar meios de tornar claro esse sentido para o aluno. Faz-se necessário uma mudança de postura na prática pedagógica, para que seja interativa, reflexiva, transformadora, consistente.

A proposta inicial é incentivar os alunos a superarem as dificuldades de leitura e de produção de texto.

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento que começamos a "compreender" o mundo a nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sobre diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com que vivemos, no contato com um livro, enfim, em todos os casos estamos, de certa forma, lendo-embora, muitas vezes não nos demos conta. Desse modo, a leitura se configura com um poderoso e essencial instrumento libertário para a sobrevivência do homem.

Entende-se, a partir de uma vivência escolar, que há uma condição para que a leitura seja de fato prazerosa e válida: o desejo do leitor. A leitura não pode se tornar uma obrigação, porque quando ela se transforma em obrigação, a leitura se resume em simples enfado.

Muitos alunos estão na escola há anos, mas não tem autonomia suficiente para elaborar ou apreciar um texto. Ainda, não tem capacidades plenas de compreender,

interpretar, criticar e produzir textos. Mesmo os que sabem ler e escrever têm dificuldade para compreender textos curtos e localizar informações, inclusive as que estão explícitas.

Na prática o que se observa é que a escola não vem desenvolvendo a leitura dentro da perspectiva mais ampla. Sendo função básica, ela vem privilegiando a escrita em detrimento da leitura de “mundo” que o aluno já traz.

Para suscitar esse desejo e garantir o prazer da leitura, dar-se-à aos nossos alunos o direito de escolher o que quer ler, o de reler, o de ler em qualquer lugar , ou , até mesmo, o de não ler. Respeitados estes direitos, o leitor, da mesma forma, passa a respeitar e valorizar a leitura. Está criado, então, um vínculo indissociável. A leitura passa ser um ímã que também atrai e prende o leitor, numa relação de amor na qual ele, por sua vez, não deseja desprender-se.

Acredita-se também que o hábito da leitura é fundamental para a prática de produção de texto, pois o fracasso na produção de texto deve-se justamente no fato de haver pouca leitura. Sendo assim, o propósito desse trabalho é, acima de tudo incentivar o aluno a leitura e a escrita em todos os seus aspectos e criar condições para que tais atividades se desenvolvam de modo eficiente e produtivo.

A partir desta proposta elaborou-se um plano de ação com atividades permanentes de leitura e de reflexão sobre a escrita, com material adequado à faixa etária e foco no combate às principais dificuldades. Acredita-se que conhecer a diversidade da turma ajudará a lidar com o problema. Enfim, o grande desafio é que os alunos terminem o ciclo com as capacidades/habilidades básicas em Língua Portuguesa consolidadas.

1.2 Apresentação do problema

Em 2009 a turma (3º ano do 1º ciclo) apresentava certa dificuldade em realizar as atividades. Cognitivamente a maioria dos alunos liam apenas palavras canônicas , não compreendiam frases, muita dificuldade em localizar informações explícitas no texto, a escrita apresentava muitos erros ortográficos, ausência de pontuação, não segmentava as palavras, as frases e os textos desestruturados ou incorretos.

Ao final desse mesmo ano pode-se verificar que apesar das dificuldades os alunos estavam mais responsáveis e procuravam fazer o que foi proposto e concluir as atividades dentro do tempo previsto. E, ainda, mesmo apresentando dificuldade na leitura e escrita demonstraram gosto pelas mesmas e participaram de todas as atividades que envolveram estas duas habilidades.

A turma recebe atendimento diferenciado desde 2009, com o Projeto específico de alfabetização e letramento, nos moldes do PIP (Projeto de Intervenção Pedagógica da RMEBH).

No final de 2010 pode-se avaliar que os alunos dentro do eixo leitura já estavam começando a estabelecer relações lógico-discursivas, a fazer inferências e localizar informações implícitas no texto. No eixo escrita já estavam começando a produzir pequenos textos, mas ainda, com muitos erros ortográficos e estavam utilizando corretamente os sinais de pontuação.

Atualmente, a turma não está participando de nenhum projeto. Estão começando a desenvolver as habilidades de identificação dos gêneros, do assunto e da finalidade do texto.

O domínio da habilidades que compõem a competência linguística está acontecendo de maneira gradativa e progressiva.

1.3 Justificativa

A escola é a instituição socialmente encarregada de possibilitar a todos os cidadãos o domínio da variedade padrão escrita da língua, para as práticas de leitura e de produção de textos. No entanto, o aprendizado da escrita não se resume ao domínio da língua padrão, porque circulam na sociedade textos escritos também em outras variedades linguísticas. Aprender a escrever inclui saber escolher a variedade adequada ao gênero de texto que se está produzindo, aos objetivos que se quer cumprir com o texto, os conhecimentos e interesses previstos, ao suporte que o texto vai ser difundido.

A valorização social de uma pessoa, atualmente, está intimamente ligada ao seu desempenho escrito, mas também oral, pela razão da ampla exposição aos meios de comunicação.

Hoje busca-se dedicar o mesmo tempo de aprendizagem tanto para expressão oral quanto para a escrita, como meio de inserção do jovem na sociedade. Para revigorar a língua escrita, é preciso inserir-lhe elementos vivos da língua falada, através da prática de leituras constantes.

Usar bem a língua não significa necessariamente falar e escrever de modo correto, mas de modo adequado à circunstância. A principal preocupação não deve ser a de seguir as regras, mas de usar a linguagem adequada à situação e ao objetivo em mente.

Pode-se dizer que é através da leitura que o indivíduo "pega gosto" pela formação de textos, querendo que todos leem o que escrevem. Segundo Franchi (1984) há que se promover exercícios linguísticos, procurando evitar a estigmatização da linguagem das crianças, estimulando a produção de textos que objetivam, a reforçar a sensibilidade para diferentes usos da linguagem; levar a compreensão dos fatos de que o uso da linguagem é redigido por convenção, mas equivalente ao dialeto trazido pela criança.

Afirma a autora:

" indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar . . .

Os sujeitos não adquirem a língua materna, é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência." (p. 24)

Não se pode afirmar que falar e escrever bem na sociedade é o mais importante, e sim, a questão adequação vocabular, ou seja, a utilização do registro (fala) no momento certo. Reconhecer a importância da norma padrão , não significa banir para sempre o falar espontâneo do dia a dia. Tudo tem sua hora e lugar.

Então, a leitura passa a ter um papel efetivo nessa questão, pois ao adquirir a prática de textos variados, como por exemplo: revista em quadrinhos, o jornal , revista , um conto, os literários, você passa de um simples "leitor-observador" para um "leitor-conhecedor". E isso ajudará muito no que diz respeito ao seu conhecimento oral e escrito, pois a leitura não só dá " asas a imaginação": ela faz você interagir socialmente, ativando os seus mais variados conhecimentos , desde o cultural ao linguístico.

É importante ressaltar que a consolidação da habilidade de leitura resultará em competências quanto ao manejo da língua.

Enfim, todo saber é transmitido através desse instrumento primordial da comunicação humana na qual a leitura é uma das protagonistas.

Desta forma, o aluno, que vem em processo de formação constante, é primordial criar interesses, orientar esforços e apontar caminhos em relação à prática, de leitura, construindo-o como pessoa e cidadão esclarecido, crítico e exigente em relação à sociedade em que quer viver.

Na prática observa-se que a escola não vem desenvolvendo a leitura e a produção de texto em uma perspectiva mais ampla, haja vista os resultados das avaliações internas e externas. Em uma turma de trinta e dois alunos, 90% têm histórico de mais de uma retenção , estão no último ano do segundo ciclo e, ainda não adquiriram competências/habilidades básicas de leitura e escrita.

Sendo assim este Plano de Ação tem como proposta usar os gêneros textuais para ensinar leitura e produção de textos, lembrando que no mundo da leitura

descobre-se o prazer de ler, reler, escrever, contar o que leu.

Resolve-se pensando nisso montar um Plano de Ação onde se possa vir auxiliar possibilidades de melhoria na leitura e na escrita como um todo. Despertando assim no aluno o gosto de desenvolver a leitura e a escrita como fonte de prazer e sabedoria. Na perspectiva da escola acredita-se que será positivo este trabalho, pois estará proporcionando espaços para que os alunos possam exercitar e ampliar sua capacidade de interação oral e escrita, nas mais diversas situações sociais.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

- Mostrar que os alunos podem entender e criar textos das mais diversas naturezas, desde que desenvolvam habilidades específicas de leitura e produção de textos. Contemplando, nas atividades da sala, um processo planejado com a participação deles resultando em um produto final escrito (carta, um bilhete, relato, entrevista, conto, notícia etc. . .).

1.4.2 Objetivos específicos

- Ampliar o vocabulário, as experiências de leitura com o grupo e individualmente;
- Aproximar os alunos de autores contemporâneos e clássicos, com textos informativos e obras literárias;
- Colocar-se na posição de leitor e revisar os próprios textos;
- Incentivar o aluno a compreender e utilizar melhor as regras ortográficas da Língua Portuguesa;
- Oportunizar aos alunos o acervo de inúmeras obras literárias de vários autores buscando , ampliar seus conhecimentos e suas capacidades criativas;
- Proporcionar situações de leitura compartilhada e uso da biblioteca da sala e da escola;
- Utilizar diferentes linguagens como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias.

2.1 Discussão teórica do problema

A tarefa de formar leitores fica muito a cargo da escola, o que a torna complexa. Isso porque há muitas tensões vinculadas ao tempo disponível para ensinar e também ao entendimento sobre o que é formar leitores. Tradicionalmente a escola consideram que o objeto de ensino não é leitura e escrita, mas a língua. Entre esses dois objetivos existem diferenças. Quando se concebe que o tema é a língua, os conteúdos prioritários são os descritivos, principalmente a gramática e a ortografia. Mas, se o objeto fundamental são as práticas de leitura e escrita, a língua passa a ser incluída num assunto maior, em que não é tão fácil determinar a ordem dos conteúdos, como ocorre com a gramática, afirma Delia Lerner:

Se a escola ensina a ler e escrever com o único propósito de que os alunos aprendam a fazê-lo, eles não aprenderão a ler e escrever para cumprir outras finalidades (essas que a leitura e a escrita cumprem na vida social); se a escola abandona os propósitos didáticos e assume os da prática social, estará abandonando ao mesmo tempo sua função ensinante. (Entrevista para Nova Escola, 2010)

Tem-se construído situações didáticas como os projetos de produção e interpretação dirigidos a um fim. Os alunos leem para escolher, algo que normalmente não se faz na escola. Ou então o professor propõe a composição de um texto sobre um conteúdo, o que implica um trabalho de aprendizado e de seleção, tendo em vista que o produto final será afixado no mural ou publicado no jornal da escola. Isso restitui os propósitos comunicativos da leitura e da escrita, sem abrir mão da finalidade didática.

Segundo, Delia Lerner o enfoque distancia das práticas sociais de leitura. Na escola, costuma-se ler para aprender e só. Pode ser que os alunos, sobretudo os que provêm de meios sociais onde não se produzem leitores, aprendam como se faz, mas não para quê. Nesse caso, terão dificuldade em ver sentido na leitura.

Na escola (. . .) a leitura é antes de mais nada um objeto de ensino. Para que se transforme num objeto de aprendizagem, é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno, o que significa entre outras coisas, que deve cumprir uma função para a realização de um propósito que ele conhece e valoriza. Para que a leitura como objeto de ensino não se afaste demasiado da prática social que se quer comunicar, é imprescindível “representar” - ou “reapresentar” - , na escola, os diversos usos que ela tem na vida social. (LERNER, 1998, P. 186)

Os fins que se notam na escola ao ler e escrever são diferentes dos que dirigem a leitura e a escrita fora dela - não há função social real. O possível a fazer é aliar os propósitos da instituição escolar aos propósitos educativos de formar leitores e escritores, criando condições didáticas favoráveis a uma versão escolar mais próxima da versão social dessas práticas.

A sociedade vê a escola como espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura e escrita. Todo aluno deve ter acesso a ler e escrever em boas condições, mesmo que nem sempre tenha uma caminhada escolar bem traçada. Independente de sua história, merece respeito e atenção quanto a suas vivências e expectativas. Daí a importância da intervenção mediadora do professor e da ação sistematizada da escola na qualificação de habilidades indispensáveis à cidadania e à vida em sociedade, para qualquer aluno, como são ler e escrever.

O professor é aquele que apresenta o que será lido: o livro, o texto, a paisagem, a imagem, o mundo. É ele quem auxilia a interpretar e a estabelecer significados. Cabe a ele criar, promover experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores capazes de dominar múltiplas formas de linguagem e de reconhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana presentes no dia-a-dia.

Daí decorre um outro entendimento. Mais importante que reter a informação obtida pela leitura tradicional dos muitos textos, nas muitas áreas que compõem o cotidiano da escola, os exercícios de leitura e escrita devem propiciar aos alunos condições para que eles possam, de forma permanente e autônoma, localizar a nova informação, pela leitura do mundo, e expressá-la, escrevendo para o mundo.

Segundo (Guedes e Souza, 2007) ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas, uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um aluno, que é de responsabilidade da escola. Ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimento. Ensinar é ensinar a ler para que o aluno se torne capaz dessa apropriação, pois o conhecimento acumulado está escrito em livros, revistas, jornais, relatórios, arquivos. Ensinar é ensinar a escrever porque a reflexão sobre a produção de conhecimento se expressa por escrito.

A leitura é de fundamental importância na vida das pessoas, pois através dela é que adquire-se as ideias, e se obtém informações necessárias. A leitura contribui para o prazer pessoal e amplia os interesses do indivíduo.

Todas essas conquistas podem levar a uma vida bem sucedida.

A leitura ajuda no desenvolvimento e na personalidade do indivíduo, e é um dos aspectos mais importantes para o aluno como ponto de partida para aquisição de conhecimentos, meios de comunicação e socialização.

Para abordarmos aspectos relativos ao ensino da leitura é importante sabermos o significado do ato de ler.

Ler é um processo dinâmico e ativo implicando não só, a apreensão do significado do texto, mas a incorporação de nossa experiência e visão de mundo como leitor.

A cada leitura essa interação dinâmica leitor/texto favorece a produção escrita de novo conhecimento e a expressão de uma linguagem diferenciada.

A leitura é um ato que, também, depende de estímulo e motivação. A prática da leitura é uma tarefa essencial para a construção do conhecimento e um deflagrador do sentimento e opinião crítica do indivíduo.

Lê onde e quando mais lhe convém, no ritmo que mais lhe agrada, podendo apressar ou retardar a leitura, interrompê-la, reler ou parar para refletir, ao seu bel-prazer. Lê o quê, quando, onde e como bem entende. Essa flexibilidade garante o interesse contínuo pela leitura, tanto em relação à educação quanto ao entretenimento. Guedes e Souza afirmam em seu artigo intitulado: " Não apenas o texto, mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de Português", que ler é produzir sentido: ensinar a ler é contextualizar textos: o leitor atribui ao texto que tem diante de si o sentido que lhe é acessível. Então conclui-se que quanto mais acesso ao mundo da leitura, mais conhecimento os alunos estarão adquirindo e percebendo o quanto é bom ler e fácil escrever.

A produção de texto está relacionada com a prática de leitura de cada um. Quem lê produz e escreve mais.

É preciso lembrar que a produção de texto na escola de levar em consideração o

próprio interesse de o aluno emergir na discussão de assuntos relacionados à sua experiência e vivência. Não se estabelece o produto texto ideal, previamente determinado, mas se respeita o texto que o aluno pode produzir em relação a seu grau de desenvolvimento.

"É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto."

Essa posição defendida por Bakhtin (1997) é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos e não em suas peculiaridades formais. Essa visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva.

Não se pode perder de vista que o ponto de partida para a discussão dos gêneros é Bakhtin, que afirma:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) (...)
O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (esferas da atividade humana), não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 279)

Assim sendo considera-se que os gêneros textuais são os textos que se encontram em nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas.

Enfim, considerando , então, a língua como uma atividade cognitiva e social (KLEIMAN, 1992). Pode-se afirmar que ela é variável, é heterogênea e está sempre

situada em contextos de uso. Dentro do processo de comunicação, a leitura é essencial. Leitura entendida como um processo que transita entre o cognitivo e o social, ou seja, quando pensa-se na sala de aula, a leitura de um texto só será significativa para o aluno se ele vislumbrar, ao ler o texto, as possíveis ligações com sua realidade. É nesse contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas, para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo o trabalho com gêneros textuais é uma excelente oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos no dia a dia, pois nada do que fizermos linguisticamente está fora de ser um gênero.

A adoção dos gêneros como objeto de ensino requer o entendimento de que tudo que falamos, escutamos, escrevemos e lemos organiza-se em função de um gênero, tornando-se fundamental que o aluno compreenda os elementos que constituem cada um deles, de modo que tais características possam ser empregadas na compreensão e produção de textos relativos aos diferentes gêneros. Dito de outro modo, o ensino de todo gênero deve basear-se nos elementos: conteúdo temático (o que pode ser dito por meio de cada gênero) forma composicional (sua organização geral) e estilo (seleção de recursos da língua).

Sendo assim, o trabalho pautado nos gêneros do discurso promove a reflexão sobre as práticas de letramento orais e escritas, de forma a contribuir para a internalização de conhecimentos sobre os diferentes modos de falar, ler e escrever, em distintas situações de produção, voltadas a diferentes interlocutores.

A eleição dos gêneros do discurso, tal como definido por Bakhtin – como sendo cristalização de formas de dizer sócio-historicamente constituídas -, como objetos de ensino, pelo fato de esse conceito incluir aspectos da ordem da enunciação e do discurso, pode contemplar, de maneira mais satisfatória, o complexo processo de produção e compreensão de textos. A noção de gênero permite incorporar elementos da ordem social e do histórico (que aparecem na própria definição da noção); permite considerar a situação de produção de um dado discurso (quem fala, para quem, lugares sociais dos interlocutores, posicionamentos ideológicos, em que a situação, em que momento histórico, em que veículo, com que objetivo, finalidade ou intenção, em que registro, etc); abrange o conteúdo temático – o que pode ser divisível em um dado gênero, a construção composicional – sua forma de dizer , sua organização geral

que não é inventada a cada vez que nos comunicamos, mas que está disponível em circulação social – e seu estilo verbal – seleção de recursos disponibilizados pela língua, orientada pela posição enunciativa do produtor do texto.

Cabe salientar que, quando fala-se de gêneros do discurso, refere-se tanto aos gêneros escritos como aos orais. A propósito disso, vale dizer que uma outra vantagem bakhtiniana de gêneros do discurso reside no fato de que esta possibilita um melhor tratamento da linguagem oral, que também deve ser, como bem salientam os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) , objeto de ensino/aprendizagem, possibilitando, além disso, uma superação da dicotomia estabelecida pelos estudos linguísticos entre escrita e oralidade.

Ainda em favor da adoção dos gêneros do discurso como objeto de ensino, pode-se acrescentar o fato de que estes permite circunscrever as formas de dizer que circulam socialmente, o que permite ao professor ter parâmetros mais claros acerca do que deve-se avaliar e, por extensão, os alunos também podem ter uma maior clareza do que devem saber ou do que devem aprender.

No trabalho com produção de textos é importante ainda fazer-se uma distinção entre gêneros textuais e tipos textuais. O primeiro é usado para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição, ou seja, aspectos lexicais, sintáticas, tempos verbais, relações lógicas. Cada tipo textual possui pistas linguístico-discursivas características e as sequências linguísticas são norteadoras.

As atividades sociais que dão origem a vários deles, constituindo práticas discursivas, dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais. Os domínios discursivos são grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam. Para aprender a escrever um gênero determinado de texto é necessário que os alunos sejam postos em contato com um corpus textual desse gênero mesmo gênero, que lhes sirva de referência em situações de comunicação bem definidas e reais.

Identificar a falta de familiaridade de alguns alunos com a leitura e a escrita requer atenção e sensibilidade dos educadores. Há alunos que se recusam a ler em voz alta e não compõem textos por conta própria, escrevendo somente palavras decoradas.

Outros só copiam o que está no quadro ou no caderno do colega, sem saber realmente o que está fazendo – são os copistas. Existem os que se comportam de modo indisciplinado ou apático. Tudo para camuflar o problema, já que se sentem envergonhados.

É função do professor fornecer ao aluno condições adequadas de elaboração, permitindo-lhes empenhar-se na realização consciente de um trabalho linguístico que realmente tenha sentido para si, e isso só é conseguido à medida que propostas de produção textual seja bem clara e definida, apresentando-se as "coordenadas" do contexto de produção. É necessário que o aluno possa sentir que realmente está produzindo para um leitor (que não deve ser apenas o professor), eliminando a exclusividade das situações artificiais de produção textual tão presentes no cotidiano da escola.

Segundo, Vera Masagão (1997), o fato de a maioria das escolas trabalhar como se todos os alunos tivessem o mesmo nível de aprendizado. “Isso acaba empurrando para baixo aqueles que têm mais dificuldades e precisam de um acompanhamento especial para aprender.”

As soluções para melhorar os resultados, dependem, sim, de mudanças amplas.

A primeira postura positiva está em fazer da leitura uma tarefa diária, importante para o aprendizado.

Organizar situações simples de estímulo, como a leitura em voz alta e em grupo e a leitura com o objetivo de localizar dados para compará-los. Pode ainda, chamar a atenção para a importância dos resumos como prática de estudo, ensinando os alunos a sublinhar e listar as principais informações de cada texto. Para isso, é preciso mais que querer ensinar a ler e escrever. Deve desejar-se formar o aluno leitor e escritor.

2.3- Metodologia

Para se trabalhar o Plano de Ação faz-se necessário uma avaliação a fim de compreender e identificar o nível de leitura e produção necessária para o efetivo trabalho intelectual.

Partir-se-à então daquilo que é próprio do cotidiano do aluno, não, porém deixando de lado informações inerentes ao crescimento como ser social.

A partir da avaliação é que se podem traçar diretrizes norteadoras do trabalho buscando sempre corresponder às expectativas do aluno enquanto leitor. A leitura e discussão base de toda atividade serão trabalhadas de forma a desenvolver o senso crítico, considerando-se sempre o educando como sujeito ativo na construção de seu próprio trabalho.

Sendo assim, os alunos terão em mãos textos variados, que lhes proporcionem a visão da importância do ato de ler e compreender textos desde os clássicos de leitura juvenil aos contemporâneos, bem como de produzir textos criativos e informativos como forma de participar diretamente do mundo em que vive e porque não influenciá-lo.?

O trabalho com gêneros textuais, além de ampliar o universo dos alunos e propiciar o exercício da cidadania, é uma excelente maneira de trabalhar produção textual e leitura.

Segundo Tajra (2000: 137), "a produção de textos é um dos componentes mais importantes para a consolidação de nossos conhecimentos. Quem se expressa, expressa-se em função de alguma situação e finalidade, quem conclui desenvolve uma visão crítica sobre algo."

A leitura de formação de leitor visa desenvolver no aluno a familiaridade com a língua escrita através da leitura de todo tipo de texto, numa quantidade tal que o faça gostar de ler e de perceber a importância da leitura para sua vida pessoal e social, transformando-a num hábito capaz de satisfazer esse gosto e essa necessidade.

Este trabalho dar-se-à da seguinte maneira: ensinado a ler, começando por colocar o aluno na mais adequada postura para ler: sentados em silêncio,

administrando a retirada dos livros, conversando com o aluno que solicitar orientação a respeito do assunto do livro, incentivando-o a olhar no dicionário alguma palavra – chave para o entendimento do texto, ajudando o aluno a usar o dicionário, fornecendo-lhe indicações bibliográficas nas quais poderá procurar mais informações a respeito de um assunto que lhe despertou interesse, estimulando esse interesse, incentivando-o a falar aos colegas a respeito de leituras comuns.

O mesmo para a escrita : proporcionar aos alunos oportunidades para escreverem muito para dizer coisas significativas.Vincular através da produção escrita conteúdos diversos, solicitando aos alunos que escrevam sobre suas vidas (relato familiar), propondo que os textos sejam lidos pelos colegas e discutidos em sala de aula. Orientar a reescrita desses textos para que digam com mais clareza e mais precisão o que querem dizer. E ler, poema, conto, notícias, reportagens, artigo, um livro que diga coisas interessantes a respeito de um tema nas discussões desses textos, aprofundando essa leitura com os alunos e pedindo que voltem ao assunto para incorporar os dados novos trazidos por essa leitura, dando continuidade à discussão.

2.4 Diagnóstico

Diagnóstico uma das atividades mais importantes no diálogo entre o ensino e aprendizagem. O diagnóstico tem como objetivo construir uma visão detalhada de cada aluno ,e, com isso poder planejar as aulas com base nas necessidades de aprendizagem da turma.

A autoavaliação é outro caminho que proporciona o aluno aprender a identificar e corrigir os próprios erros.

Sendo, assim, o diagnóstico ajuda no planejamento das atividades diferenciadas. Ao mesmo tempo que trabalha-se textos de memória com os alunos que estão em hipóteses menos avançadas, promove-se a leitura com os que já sabem ler.

Montou-se uma lista dos itens que serão analisados. Como em qualquer proposta de produção escrita, os alunos precisam saber para que vão escrever, ou seja , a intenção comunicativa deve estar bem definida. O que vão escrever (o gênero selecionado) e quem vai ler o material (o destinatário do texto).

É importante lembrar, ainda, que cada conteúdo foi abordado por meio de novas propostas de textos, sempre com etapas de revisão.

Ações desenvolvidas para o Plano de Ação:

- 1ª) Identificar, por meio de diagnósticos, em que nível cada aluno está, agrupando-os de acordo com os estágios de conhecimento próximos;
- 2ª) Promover momentos em que os alunos possam ler e escrever;
- 3ª) Desenvolver comportamentos leitores (encontrar dados, comentar livros) e escritores (adequar a linguagem aos diferentes gêneros) em atividades como leitura e a produção de texto oral com destino escrito;
- 4ª) Favorecer, por meio de atividades realizadas diariamente, o contato com a linguagem escrita em uso no dia a dia, o desenvolvimento de hábitos de leitura e a reflexão sobre o sistema de escrita.

Analisar detalhadamente a forma como os alunos escrevem foi determinante para

verificar os pontos que devem ser ensinados, pois a turma é muito heterogênea, alguns demonstraram familiaridade com os conteúdos gramaticais e a organização textual, outros, recém alfabetizados, ainda enfrentam dificuldades básicas em questões de ortografia.

A partir das atividades diagnósticas percebeu-se que de uma turma de 32 alunos, 27 alunos ainda não têm competências básicas de leitura e escrita, como:

No eixo compreensão e produção de textos orais:

- Ainda, não compreendem e produzem textos orais de diferentes gêneros, com adequação à situação comunicativa.

No eixo compreensão e valorização da cultura escrita:

- Ainda não conhecem e valorizam práticas sociais letradas.

No eixo apropriação do sistema de escrita:

- Ainda, não compreendem e utilizam as regras ortográficas.

No eixo leitura:

- Ainda, não leem e compreendem textos de diferentes gêneros textuais e, também não posicionam criticamente diante dos textos lidos.

No eixo produção de textos escritos:

- Ainda, não produzem textos de gêneros variados, adequados aos objetivos comunicativos, ao interlocutor, no contexto e ao suporte de circulação.

2.5 Ação

Acredita-se que para ensinar a ler e a escrever, o professor deve se valer de diferentes situações didáticas – em algumas fica mais próxima outras os alunos têm uma função mais ativa. À medida que o professor observa avanços, propõe novos desafios que auxiliem o aluno a conquistar sua autonomia na leitura, sendo assim propõe atividades de leitura com essa preocupação:

Leitura:

- Leitura compartilhada (leitura de um texto pela professora, e os alunos acompanham. Nessa oportunidade, a professora questiona aos alunos quanto aos indícios que sustentam o sentido do texto);
- Leitura em voz alta pela professora, de textos (contos populares) para despertar a curiosidade e a imaginação dos alunos e também estimular a reflexão sobre temas da experiência humana. Construir um repertório de textos e aprender como funciona a linguagem escrita foram expectativas de aprendizagem que a frequência dessa prática objetivou;
- Leitura autônoma, o aluno lê sem a mediação da professora favorecendo a confiança em si mesmo enquanto leitor. Essa leitura ocorrerá de forma gradativa, como resultado de um trabalho de conquista;
- Roda de jornal, alunos e professora socializam e comentam textos relacionados com a vida (notícias, reportagens, classificados, artigos, poemas etc.).

A finalidade da prática de produção de texto é formar escritores competentes, aqueles que escrevem textos coerentes e com eficácia, ou seja, que alcancem a finalidade a que se propõem. Entende-se também que para se tornar escritor competente, o aluno precisa construir alguns conhecimentos, sendo assim propõe-se as seguintes atividades:

Produção de texto:

- Selecionar o gênero adequado à finalidade a que se propõe;
- Planejar a escrita sabendo o que vai escrever, como, para quem e com que objetivo;
- Colocar-se no texto expressando sentimentos, ideias, lembranças, fatos vividos ou imaginados;
- Rever o próprio texto, verificando quando está confuso, incompleto, redundante, entre outros problemas;
- Consultar outras fontes para escrever o seu próprio texto.

3- Avaliação

A avaliação ocorrerá através da efetuação do processo gradativo e contínuo, em que analisar-se-à possíveis falhas, oportunizando-se as correções necessárias, dessa forma, o aluno é participante ativo no processo de avaliação, em todos os seus momentos, também se auto-avaliando.

Aprender a avaliar-se e a criticar-se para melhorar é a contribuição central da participação para a avaliação.

A avaliação dar-se-á da seguinte maneira: fazer o aluno revisar o que produz proporcionando uma reflexão a respeito de equívocos e ausências reforçando o papel dessa etapa como integrante da produção de texto.

A auto-avaliação que tem como objetivo levar o aluno a confrontar seu desempenho com o que se esperava e agir para reduzir ou eliminar essa diferença.

Percebeu-se que refletir sobre os aspectos notacionais (relativos às regras de uso da língua) e discursivos (relativos ao contexto de produção) foi a maneira mais eficaz de levar os alunos a aprender os padrões de escrita e a superar os problemas que até então enfrentavam ao escrever.

4- Conclusão

Elaborar atividades em que sejam acionadas estratégias de compreensão (no âmbito da superfície textual) e de interpretação (relacionadas ao momento enunciativo e às relações extralinguísticas) representará a possibilidade de proporcionar meios de amadurecimento e autonomia para o aluno em formação, o que será prioridade na prática pedagógica. Isso será possível fazendo um trabalho, embora consciente das dificuldades inerentes ao processo, certo da capacidade de transformação nele contida. Daí a preocupação com a construção do sentido do texto, com os procedimentos envolvidos nessa construção e com as estratégias acionadas no processo de leitura.

Entende-se que o Plano de Ação não se basta, embora contemple dois eixos importantes, como consolidação do sistema de escrita e a reflexão sobre a língua.

Os momentos de leitura e escrita diários e as sequências didáticas em ordem crescente de dificuldades foram fundamentais.

Conhecer os diferentes tipos de texto, suas funções comunicativas e as formas como eles devem ser produzidos foi primordial para que os alunos soubessem como interpretá-los e concebê-los.

Percebe-se que o Plano de Ação foi uma modalidade estratégica porque teve como resultado um produto final, com finalidade comunicativa e que pode ser lido por destinatários reais.

Segundo Délia Lerner, essa modalidade organizativa torna “possível” Criar no aluno um projeto próprio e permite mobilizar o desejo de aprender de forma independente do desejo do professor. Isso não significa abandonar as atividades permanentes e as sequências didáticas de escrita focadas em conteúdos específicos. Cada objetivo requer uma modalidade diferente e a combinação de diferentes modalidades contribui para enriquecer o trabalho. Ainda, segundo a autora o desafio é formar praticantes da leitura e da escrita, e não apenas sujeitos que possam ‘decifrar’ o sistema de escrita.

Percebeu-se que dentro do eixo leitura os alunos já estavam desenvolvendo

atitudes e disposições favoráveis à leitura; compreendendo globalmente os textos lidos, identificando o tema central; antecipando conteúdos de textos a serem lidos, a partir do suporte, do gênero, do contexto de circulação, de conhecimentos prévios sobre o tema ou do título. No eixo produção de textos escritos, os alunos já estão produzindo textos considerando os objetivos comunicativos, o tema, o leitor previsto, as condições de leitura e o gênero adequado à situação. Enfim, observou-se grande avanço.

5- Considerações Finais

Ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno. Pesquisas recentes apontam ser a leitura uma das principais dificuldades do estudante brasileiro. Não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante.

Incentivar a leitura sempre foi uma tarefa desafiadora para nós professores. Não temos a “fórmula” exata para desenvolver e criar nos alunos o interesse pelo universo das leituras. Mas, o que podemos e devemos fazer como incentivo fundamental é apresentar o valor triunfante que a leitura traz para as pessoas que dela fazem uso e o seu progresso na abertura de “portas” para um futuro eficaz e próspero na vida do cidadão que lê. É muito importante que esse hábito pelas leituras chegue às salas de aula com grande influência familiar, pois quando enraizado o incentivo no contexto familiar, fica mais fácil para o professor, criar ofertas múltiplas e instigantes, proporcionando, desse modo, uma imersão ao mundo da leitura e oferecendo condições para que ela se torne efetivamente uma prática intertextual na vida dos alunos.

Ao elaborar o planejamento, o professor deve ter em mente que ele inevitavelmente será (pouco ou muito) modificado mesmo que tenha boas reflexões sobre os três aspectos fundamentais: finalidade, realidade e plano de ação. Isso ocorre porque os processos de ensino e aprendizagem são etapas distintas. A aprendizagem só ocorre quando são oferecidas condições de estudo para o aluno, com atividades que promovam um avanço contínuo e estimulante.

As sequências didáticas têm como propósito ensinar um conteúdo específico, de forma encadeada e sistemática

Apesar da complexidade desta tarefa, e mesmo correndo o risco de cair em armadilhas, acredito-se ser importante discutir sobre as muitas indagações que se lançam no ar sobre a questão da leitura.

6. Referências

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. 2ª ed. São Paulo. Editora Ática, 1986.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6ª ed. São Paulo. Editora Afiliada, 2001.

AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. 5ª ed. Porto Alegre, 1985.

FRANCHI, Eglê. E as crianças eram difíceis . . . A redação na escola. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

BALDI, Elizabeth. Leitura nas séries iniciais - Uma proposta para formação de leitores de literatura. 2ª ed. Porto Alegre, Editora Projeto, 2009.

LOZZA, Carmem. Escritos sobre jornal e educação - Olhares de longe e de perto. São Paulo: Global, 2009.

CLAVER, Ronald. Escrever com prazer - Oficina de produção de textos. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 1999.

CAMPS, Anna e Colaboradores. Propostas didáticas para aprender a escrever. Porto Alegre : Artmed, 2006.

TEBEROSKY, Ana; CARDOSO, Beatriz. Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita. 2ª ed. São Paulo : Editora Unicamp, 1990.

Organizadores: Iara Conceição Bitencourt Neves, Jusamara Vieira Souza, Neiva Otero Schaffer, Paulo Coimbra Guedes, Renita Klusener. 8ª ed. Porto Alegre : Editora UFRGS, 2007

CURTO, Lluís Maruny; MORILLO, Maribel Ministrál; TEIXIDÓ, Manuel Miraller. Porto Alegre: Artmed, 2000 - volume 2

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003

KLEIMAN, Ângela. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1992

LERNER, Délia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o imaginário. Ed. Artmed

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura e de escrita. Porto Alegre: Artmed, 1998

DOLZ, Joaquim; Schneuwly, Bernard et al. A exposição oral. In: Rojo, Roxane; Cordeiro, Gláís Sales (Orgs.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004

JOLIBERT, Josette et al. Formando crianças leitoras. Porto Alegre: Artmed, 1994. v. 1.

